

Recebido em: 28/06/2022

Aprovado em: 15/04/2023

Publicado em: 17/10/2023

## ARISTÓTELES E A TRADIÇÃO MEGÁRICA ACERCA DA DYNAMIS

### ARISTOTLE AND THE MEGARIAN TRADITION ABOUT DYNAMIS

Beatriz Saar<sup>1</sup>

([beatrizsaar@hotmail.com](mailto:beatrizsaar@hotmail.com))

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo principal esclarecer a concepção da tradição megárica acerca do conceito de capacidade (*δύναμις*), tal como apresentada no livro *Theta* da *Metafísica* de Aristóteles. A análise se faz necessária devido à falta de atenção aristotélica na formulação da tese adversária dos megáricos, pois em nenhum momento Aristóteles parece nos oferecer argumentos plausíveis que justifiquem de maneira adequada a tese de seus oponentes. Partindo desta dificuldade de reconstrução do argumento megárico e visando lhe oferecer uma maior dignidade, o estudo irá, em primeiro lugar, destrinchar possíveis argumentos que sustentem a tese no contexto da referida obra. Em seguida, irá provar que, mesmo a tese megárica não sendo tão facilmente refutável como uma primeira leitura poderia sugerir, há em sua estrutura problemas graves, que se evidenciam diante da concepção aristotélica da capacidade.

**Palavras-chave:** Metafísica. Megáricos. Dynamis. Causalidade. Disposição.

**Abstract:** The main objective of this article is to explain the conception of the megarian tradition about capacity (*δύναμις*), as presented in the book *Theta* of Aristotle's *Metaphysics*. The analysis is necessary due to the lack of aristotelian attention in the treatment of the problem, which at no time seems to offer us plausible arguments that justify the thesis of its opponents. Starting from this difficulty and aiming to offer greater dignity to the megarian thesis, the study will, first of all, demonstrate possible arguments that support the thesis. To then prove that, even though the megarian thesis is not as easily refutable as a first reading might suggest, there are serious problems in its structure, which are evident in the face of the aristotelian conception of capacity.

**Keywords:** Metaphysics. Megarians. Dynamis. Causality. Disposition.

## INTRODUÇÃO

No terceiro capítulo de *Metafísica IX*, precisamente na passagem 1046b29-33, Aristóteles discute o que seria capacidade (*δύναμις*) na concepção dos filósofos megáricos. No entanto, não há um esclarecimento satisfatório de tal tese. Isto é, ela é mencionada, mas não são oferecidas razões fortes para aceitá-la. Aristóteles não menciona um autor específico como seu

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia Antiga pelo Programa de Pós-Graduação em Lógica e Metafísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Mestra e Graduada em Filosofia pela mesma instituição.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0068794745681160>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1052-9672>.



proponente e não explica o porquê dos megáricos aceitarem esta visão. Também somos levados a nos questionar por que Aristóteles se preocupa em responder a esta tese, visto que ele mesmo a desdenha, quando nos diz que é “fácil ver as consequências absurdas que dela surgem” (*cf. Met. Θ 3 1046b32*)<sup>2</sup>.

Visando lidar com esta dificuldade de reconstrução do argumento megárico, no presente estudo, será preciso (1) oferecer possíveis interpretações à tese megárica, de modo a lhe conferir consistência e uma maior dignidade diante da abordagem aristotélica (realizando uma análise da referida passagem com o apoio de comentadores) e (2) demonstrar que, mesmo a tese megárica não sendo tão trivial, há em sua estrutura problemas graves, que se evidenciam diante da concepção aristotélica da capacidade. Neste sentido, serão abordados os argumentos de Aristóteles contra os megáricos, presentes em *Met. Θ 3 1046b32-1047a17*.

## 1 A RECONSTRUÇÃO ARISTOTÉLICA DA TESE MEGÁRICA E SUAS POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES

A passagem 1046b 29-31 nos diz:

Há alguns que afirmam, como os Megáricos, que algo tem capacidade apenas quando está em atividade, e que, quando não está em atividade, não tem capacidade; por exemplo, aquele que não está construindo não teria capacidade de construir, mas apenas a teria aquele que constrói, quando está construindo; semelhantemente também nos outros casos<sup>3</sup>. (*Met. Θ 3 1046b29*)

A respeito da tese acima descrita e do exemplo oferecido, Aristóteles afirma logo em seguida: “não é difícil ver os absurdos que decorrem disso<sup>4</sup>” (*Met. Θ 3 1046b32*). No entanto, além do exemplo da construção supracitado, o filósofo não oferece nenhum tipo de justificativa que verdadeiramente sustente a tese, de modo que somos levados a nos questionar: como alguém poderia adotar uma visão aparentemente tão absurda? Especificamente, como os megáricos, famosos pelo estudo da lógica e da dialética (*cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 2008, II, 110-112*)<sup>5</sup>, poderiam adotá-la?

<sup>2</sup> A tradução utilizada para a confecção deste estudo é a de Lucas Angioni (2004).

<sup>3</sup> Texto original: *Εἰσὶ δὲ τινες οἱ φασιν, οἷον οἱ Μεγαρικοί, ὅταν ἐνεργῆ μόνον δύνασθαι, ὅταν δὲ μὴ ἐνεργῆ οὐ δύνασθαι, οἷον τὸν μὴ οἰκοδομοῦντα οὐ δύνασθαι οἰκοδομεῖν, ἀλλὰ τὸν οἰκοδομοῦντα ὅταν οἰκοδομῆ ὁμοίως δὲ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων.*

<sup>4</sup> Texto original: *οἷς τὰ συμβαίνοντα ἄτοπα οὐ χαλεπὸν ἰδεῖν.*

<sup>5</sup> Para entender a relação de Euclides e Eubulides com a lógica, vale ler todo o comentário de Diógenes referenciado. A título de exemplificação, basta notarmos o que é dito sobre os seguidores de Eubulides:

Neste caso, consideremos ainda o fato histórico, narrado pelo mesmo Diógenes de Laércio (2008, II, 109) de que Ebulides de Mileto, discípulo e sucessor de Euclides de Mégara (conhecido por ser o fundador da Escola Megárica), teve uma controvérsia com Aristóteles e o criticou reiteradamente em seus escritos. Ora, não há fontes o suficiente para saber se tal tese exposta acima por Aristóteles<sup>6</sup> se deve a Ebulides propriamente, já que suas obras não sobreviveram, mas essa desavença entre escolas pode ser um indicativo do pouco cuidado aristotélico para com a tese apresentada. O fato é que, independentemente das motivações pessoais de Aristóteles, tal passagem e a tese nela descrita foram tidas durante muito tempo como algo óbvio e assaz trivial<sup>7</sup>.

Tomás de Aquino foi um dos primeiros comentadores a oferecer uma interpretação da tese megárica em seu *Comentário à Metafísica*. Ele afirma, em linhas gerais, que o intento de Aristóteles no terceiro capítulo do livro *Theta* da *Metafísica* é mostrar de que modo a potência e o ato se relacionam no mesmo sujeito. Neste intento, o Estagirita divide sua análise em duas partes: na primeira exclui a opinião falsa dos megáricos e na segunda determina a verdade sobre o que seja o ato e a potência. Acompanhemos o que Tomás diz a respeito da refutação da tese megárica em Aristóteles:

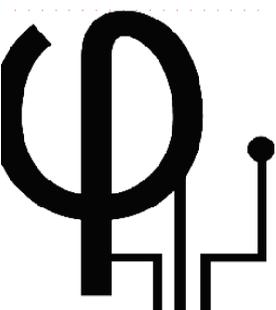
Ele [Aristóteles] diz que alguns [os megáricos] afirmaram que algo apenas está em potência, quando está em ato; por exemplo, que aquele que não constrói em ato não pode construir; mas ele apenas pode, quando constrói em ato; e de modo semelhante dizem para outras coisas. E a razão dessa posição parece ser porque opinam que todas as coisas ocorrem por necessidade, segundo alguma mistura de causas. E assim, se todas as coisas ocorrem por necessidade, segue-se que as coisas que não ocorrem não são possíveis. (TOMÁS DE AQUINO. *Comentário à Metafísica de Aristóteles IX-XII*. Livro IX, lição 3. Trad. Paulo Faitanin e Bernardo Veiga)

---

“Houve ainda outros discípulos de Ebulides, entre os quais Apolodoro, cognominado Cronos. Deste foi discípulo Diodoro, filho de Ameinias de Íasos, também cognominado Cronos, de quem Calímaco diz em seus *Epigramas*: 'O próprio Momos escrevia nas paredes: Cronos é sábio'. Diodoro foi um dialético, que na opinião de alguns autores teria sido o primeiro a descobrir o argumento velado e o argumento cornudo. Ele estava na corte de Ptolomeu Sóter quando Estilpo lhe apresentou alguns argumentos dialéticos. (...) Saindo do banquete, depois de haver escrito sobre um problema de lógica, morreu de depressão. (...) Os sucessores de Euclides foram Íctias, filho de Métalo, homem excelente, a quem Diógenes, o Cínico, dedicou um de seus diálogos; Clinômaco de Túrio, o primeiro a escrever a propósito das preposições, dos predicados e assuntos afins; e Estilpo de Mégara, um filósofo dos mais notáveis”.

<sup>6</sup> Importante ressaltar, como afirma George Grube (1929, p. 135), que Aristóteles é, no geral, muito pouco cuidadoso com suas referências ao longo da *Metafísica* e isso faz com que o pesquisador tenha um trabalho duplo: tanto de recorrer às fontes históricas que podem auxiliar a mapear as figuras mencionadas, quanto de prescrutar o conteúdo filosófico criticado.

<sup>7</sup> A esse respeito, nos diz Toby Friend (2021, p. 3) em um comentário sobre a situação da tese megárica hodiernamente: “É tão amplamente assumido que os poderes não precisam se manifestar, que o envolvimento explícito com o Atualismo Megariano tem sido escasso”.



Em linhas gerais, a interpretação de Tomás sugere que os megáricos pensam que X é capaz de  $\phi$  quando está fazendo  $\phi$  devido a uma mistura de causas conectadas necessariamente. Assim, a posição assumida por tais filósofos, segundo Tomás, é a de que tudo o que acontece no mundo, acontece necessariamente. Logo, se algo não acontece, é porque não poderia de modo algum vir a acontecer. Aqui há uma identificação da capacidade com a possibilidade: se eu não sou capaz de correr em determinado momento T, isso ocorre porque é *impossível* que eu corra. Em outras palavras, determinadas causas, conectadas necessariamente, concorreram para que tal evento se tornasse impraticável. Sendo assim, a única maneira de afirmar que “estou correndo” é quando tais causas me permitem correr necessariamente naquelas circunstâncias. A título de exemplificação, se o fato de me levantar toda manhã às 9h e correr às 9h30 é um acontecimento necessário da realidade, eu não posso acordar às 9h e não correr às 9h30, pois, se isso acontecesse, tal fato não seria um fato necessário. Assim, de acordo com esta interpretação, conseqüentemente, não seria possível.

Stephen Makin (1996, pp. 254-255), por sua vez, é o primeiro a formular logicamente a tese megárica. Para ele, a posição megárica pode ser formalizada do seguinte modo:

M: Para qualquer ação  $\phi$ , somente quando X está fazendo  $\phi$  esse X pode/é capaz de  $\phi$ . Quando X não está fazendo  $\phi$ , não pode/é capaz de  $\phi$ <sup>8</sup>.

Assim, algo é capaz de  $\phi$  apenas quando está realizando  $\phi$ , e quando não está realizando  $\phi$ , não é capaz de  $\phi$ . Exemplificando, tenho a capacidade de correr no momento T, se, e somente se, estou correndo no momento T. De maneira geral, M pode ser deduzido de duas premissas principais, a saber, NP e S, conforme apresentado abaixo:

NP (necessidade do presente): Se algo não age de uma certa maneira em um determinado momento T, isso significa que tal coisa não tem naquele momento T a capacidade de agir daquela maneira em T.

S (sincronicidade): De maneira geral, segundo Makin, só existem duas possibilidades para a posse de uma capacidade: ou se é capaz no momento em que se atualiza a capacidade ou se é capaz independentemente de estar atualizando-a (neste caso, não existiria uma relação necessária entre capacidade e atualidade). Uma capacidade é sincrônica se, e somente se, o tempo em que a capacidade é possuída for o mesmo tempo especificado no conteúdo da capacidade. Se o tempo não for idêntico, a capacidade é dita diacrônica. S é precisamente a

<sup>8</sup> Texto original: “M: Something possesses a capacity at t if and only if it is exercising the capacity at t. M is a substantial claim about capacities. It is sufficiently strong that it is, for us, a reasonable assumption that it is false: it rules out, for example, my now possessing the capacity to sleep. However there are two premises about the relation between the time at which a capacity is possessed and the time at which it is exercised which together entail M”.

afirmação de que todas as capacidades são sincrônicas. Assim, S é a tese de que capacidades diacrônicas não existem. Resumidamente, ambas as relações (as síncronas e diacrônicas) envolvem dois termos: capacidade e atualidade. No caso das relações síncronas, capacidade e atualidade ocorrem necessariamente ao mesmo tempo. Nas relações diacrônicas, o momento de posse da capacidade e da atualidade é distinto.

Neste sentido, NP e S, quando consideradas em conjunto, apoiam a tese megárica, de modo a conferir uma interpretação não tão óbvia da tese que Aristóteles relata, cuja interpretação tradicional Tomás parece seguir acima, a saber, de que algo é capaz apenas quando exerce tal capacidade, e que quando não está agindo não é capaz. Para melhor entendermos a interpretação de Makin, consideremos um caso em que Maria estudou às duas horas da tarde de sábado (E2). Maria teria capacidade de estudar às três horas da tarde de sábado? De acordo com S, Maria não tinha essa capacidade em absolutamente nenhum tempo que escapasse o horário e a data especificados na capacidade. Assim, Maria é capaz de E2 somente se estiver fazendo E2. Logo, S pode ser defendida com base em uma intuição plausível, a saber, a ideia de que as capacidades são exercidas quando estão em posse do agente.

INT, por sua vez, é uma intuição mais simples e partilhada: qualquer capacidade pode ser exercida (considerando que a capacidade é um “posso fazer”). Isso significa precisamente que, se uma capacidade é possuída em um determinado momento, certamente pode ser exercida naquele momento – caso contrário, o pensamento de que é possuída naquele momento está em conflito com o pensamento de que uma capacidade é, a saber, algo que simplesmente pode ser exercido. Consideremos que Maria tem, na segunda-feira, a capacidade de estudar na terça às duas da tarde. Essa capacidade não pôde ser exercida na segunda. Um megárico pode afirmar que, neste caso, é óbvio que no conteúdo da capacidade de Maria não está inscrita a capacidade de Maria estudar na segunda.

Apesar disso, Makin (1995, p. 256) nos diz que um megárico poderia aceitar a tese de que INT não pode ser provado por exemplos ou que tais exemplos não vão exatamente forçar alguém a aceitar INT, um megárico também não negaria a existência de contraexemplos. INT nos diz simplesmente que qualquer capacidade pode ser exercida e isso envolve uma suposição sobre o que é o exercício de uma capacidade. A suposição, segundo Makin, é que o exercício de uma capacidade é idêntico a uma mudança ou ocorrência no mundo. Suponhamos que uma mudança ou ocorrência seja descrita de forma que possa ter apenas uma localização temporal específica. Consideremos, por exemplo, a ocorrência “trabalhar às segundas”. Neste caso, o exercício de uma capacidade, que é idêntico àquela ocorrência, também está vinculado a esse tempo como seu único local possível. Assim, se nos referirmos a posse da

capacidade a algum local que não aquele que é o único local possível para o exercício da capacidade, teremos que aceitar uma de duas consequências: ou que uma capacidade pode ser possuída em um momento em que não pode ser exercida ou que o exercício de uma capacidade pode ser algo diferente de uma mudança ou ocorrência no mundo. Se nenhuma dessas consequências for desejável, como INT recomendaria, temos que pelo menos um tipo de capacidade diacrônica deve ser abandonado.

De maneira geral, tendemos a enxergar a tese megárica, sob a ótica do tratamento aristotélico, como um pouco absurda. No entanto, não nos parece absurda a afirmação de que o conteúdo de nossas capacidades é localmente e temporalmente qualificado (por exemplo, quando digo que sou capaz de ir ao zoológico aos sábados), assim como o conteúdo das incapacidades (por exemplo, sou incapaz de ir ao zoológico nas segundas, porque está fechado). A capacidade também é localmente e temporalmente dependente quando digo, por exemplo, que só sou capaz de digerir bem certos alimentos quando tomo determinado remédio. E sempre que isso não acontece, perco esta capacidade, por questões de doença. Assim, não parece haver nada intrinsecamente errado com capacidades em que tanto o conteúdo quanto a posse são localmente e temporalmente conectados, como pode vir a sugerir a tese megárica.

Uma outra interpretação da tese, além de Makin, provém de Jonathan Beere, o qual mais recentemente, apresentou uma interpretação mais refinada em relação a de Tomás à medida em que não identifica a capacidade com a possibilidade, como veremos nas próximas linhas:

Resta-nos especular sobre por que os megáricos mantinham essa visão estranha. Sugiro que os megáricos refletiram sobre a imprecisão das afirmações da forma 'x pode  $\phi$ ' eles foram levados a concluir que as restrições sobre a verdade de tais afirmações eram tão rígidas que só podem ser verdadeiras quando x está de fato fazendo  $\phi$ . Como quando x está de fato fazendo  $\phi$ , x obviamente pode  $\phi$ , acontece que x pode  $\phi$  se e somente se x estiver fazendo  $\phi$ . A motivação básica não é uma oposição geral a poderes e possibilidades, ou uma insistência geral de que o real não ultrapassa o atual. De fato, nessa interpretação, os megáricos deveriam até mesmo aceitar a existência de poderes – mas não de quaisquer poderes que não estejam sendo exercidos<sup>9</sup>. (BEERE, 2009, p. 94, *tradução nossa*)

<sup>9</sup> Texto original: “We are left to speculate about why the Megarics held this odd view. I suggest that the Megarics had reflected about the vagueness of claims of the form ‘x can  $\phi$ .’ They were led to conclude that the restrictions on the truth of such claims were so tight, that they can be true only when x is in fact  $\phi$ -ing. Since when x is in fact  $\phi$ -ing, x obviously can  $\phi$ , it turns out that x can  $\phi$  if and only if x is  $\phi$ -ing. The basic motivation is not a general opposition to powers and possibilities, or a general insistence that the real does not outstrip the actual. In fact, on this construal, the Megarics should even accept the existence of powers—just not of any powers that are not being exercised”.

A estratégia de leitura de Beere se baseia em uma espécie de “verificacionismo”<sup>10</sup>. Ele não descarta a interpretação tomista de que, para os megáricos, o indivíduo tem capacidade de fazer X apenas quando está fazendo X. Segundo ele, o próprio exemplo de Aristóteles da construção de uma casa serve para ilustrar isso: o construtor só pode construir quando está empenhado em construir. Importante ressaltar que tal assertiva sugerida por Beere não é verdadeira somente para os seres vivos, ela se aplica também às capacidades *ἀλογοί* (*sem lógos*) dos seres inanimados: a água é capaz de dissolver o sal apenas quando está dissolvendo o sal; uma tora de madeira é capaz de ser queimada apenas quando está sendo queimada, dentre outros casos.

O que Beere faz é recorrer a uma espécie de verificação das afirmações<sup>11</sup>. Segundo ele, afirmações que expressam capacidade, tais como “ela pode construir um barco”, “ele pode nadar”, “ela pode falar francês” podem vir a ser extremamente imprecisas sobre quando precisamente são verdadeiras ou falsas, pois não existe nada evidente em sua formulação que possa imediatamente sustentar sua verdade. Assim, a motivação para os megáricos elaborarem tal tese é porque possivelmente eles concluíram que as restrições sobre a verdade de afirmações do tipo “uma coisa tem a capacidade de fazer X” eram tão complexas de se verificar que só podem ser verdadeiras quando tal coisa está de fato fazendo X, pois, neste caso, é evidente que quando tal coisa está fazendo X em determinado momento T, ela obviamente tem a capacidade de fazer X naquele momento T. Desse modo, a motivação megárica básica seria não uma oposição geral à possibilidade, como afirmava Tomás anteriormente, mas uma tentativa de satisfazer as rígidas condições de verificação deste tipo de sentença.

Neste sentido, a motivação megárica para sustentar essa tese da temporalidade está atrelada à satisfação de condições necessárias de fazer X. Sempre que algo faz X, alguma(s) condição(ões) necessária(as) para X é(são) satisfeita(s), de modo que, necessariamente, se foi(foram) cumprida(s), esse algo faz X. Assim, sempre que algo pode/é capaz de X, mas não o faz, deve haver alguma condição(ões) suficiente(s) que não foi(foram) cumprida(s). Isto é, para que uma tora de madeira queime (para que seja capaz de queimar) em T, é preciso que as condições necessárias para a execução de tal ato sejam efetivadas. Caso contrário, se as condições necessárias não forem satisfeitas a tora de madeira não queimará em T.

<sup>10</sup> Por “verificacionismo” entendo a recomendação da verificação como a única possibilidade de afirmar se X pode  $\phi$ . Em outras palavras, para saber a verdade da afirmação, é preciso verificar o que X está fazendo, pois X só pode  $\phi$  quando está atualmente fazendo  $\phi$ .

<sup>11</sup> Conforme Beere salienta na citação supracitada, afirmações do tipo ‘x pode  $\phi$ ’ poderiam soar tão imprecisas aos megáricos, que a única maneira de garantir a verdade deste tipo de predicado é quando x estivesse de fato fazendo  $\phi$ .

Consideremos a pergunta de Fílon de Mégara, também conhecido como o Dialético<sup>12</sup>: pode a madeira queimar no fundo do mar? A resposta megárica seria a verificação: a madeira que está no fundo do mar está queimando agora? Se a resposta for não, então ela não pode. Se a resposta for sim, então ela pode. E essas condições estão presentes em absolutamente qualquer coisa que execute qualquer ação. Podemos pensar, por exemplo, em uma lâmpada, cuja função é acender. Ora, se coloco a lâmpada em um bocal e ela não acende, é porque há algum impedimento em sua execução, as condições necessárias para o seu bom funcionamento não foram totalmente cumpridas, e por isso digo que ela não é capaz de acender naquele momento T.

Contra essa interpretação megárica, pode-se objetar que tais condições necessárias para cada evento que ocorre no mundo são inexistentes. Não parece haver nada que determine que tal evento (cumprindo todas as condições) vá de fato ocorrer em T. As condições necessárias podem de fato elevar a probabilidade da consecução de tal evento na realidade, mas não são condições suficientes de sua concretização. Podemos pensar em um gramado, que por estar muito seco e exposto ao calor intenso, pode vir a queimar. Nesse caso, embora estar seco e exposto a um clima propício sejam condições necessárias para que a grama pegue fogo e as probabilidades sejam altas, ainda assim, podem não ser suficientes. O gramado pode não pegar fogo. Mesmo que um indivíduo tente incendiar tal gramado com um isqueiro, ainda assim não podemos afirmar que isso será suficiente para que o gramado queime, a não ser que ele de fato passe a queimar.

Os megáricos, por sua vez, poderão responder a esta objeção: de fato, não podemos saber se o gramado irá pegar fogo até que este comece a queimar, porque até aquele momento, alguma condição ou outra que teria sido suficiente para a queima da madeira não foi cumprida. E como sabemos disso? Ora, pelo simples fato de que a madeira não queimou.

Neste caso, de acordo com Beere, o megarismo não precisa ser encarado como impossibilidade de mudança (como parece sugerir a interpretação de Tomás). Contrariamente,

---

<sup>12</sup> O questionamento de Fílon pode ser reconstruído a partir de dois textos, segundo Beere (2010, p. 95): “Alexander, discussing Aristotle's conception of possibility in his commentary on the *Prior Analytics*, refers to something ‘in the depths’ being combustible [5, pp. 183.34–184.10] (the crucial line is 184.9). Simplicius, commenting on the *Categories*, refers to ‘the wood [xulon] in the Atlantic Ocean’ being combustible [79, pp. 195.31–196.24]. (These texts, along with others, may also be found at [43, II F 27, pp. 431ff.].) Philo defined possibility in terms of fitness. As emerges from these texts, his view of him was opposed to Diodorus Cronus’ view that what is possible is restricted to what is or will be the case. Philo’s view is thus also opposed to the Megaric view. That is, his view of it was that, e.g., ‘the wood can burn’ may be true not only in circumstances in which ‘the wood is burning’ is false but even in circumstances in which ‘the wood is burning’ is impossible. This is so, on his view of him, because the truth or falsity of ‘the wood can burn’ depends only on whether wood is suited to burn, and not on whether it is suited to burn in the actual circumstance”.

de acordo com esta interpretação, nos remetendo ao *Teeteto*<sup>13</sup> de Platão, o megarismo abarcaria não apenas a mudança, mas um mundo de fluxo heraclítico total, em que tudo está em constante mudança. Isso porque o que os megáricos sugerem não é que o futuro não esteja aberto à possibilidade de mudança, ou que nada jamais será diferente do que é agora, ou que nada jamais estará fazendo outra coisa senão o que está fazendo agora. Mas sim que *nada pode agora estar fazendo outra coisa senão o que está fazendo*. Assim, coisas podem vir a revelar-se mais tarde capazes de fazer coisas que não podem fazer agora. Dado que algumas coisas estão mudando agora, as mudanças que ocorrem atualmente podem muito bem fazer com que algumas mudanças ainda não ocorrentes possam ocorrer. O megarismo revela-se, portanto, extrema possibilidade de mudança e não impossibilidade total.

## 2 A RESPEITO DA DYNAMIS NA OBRA ARISTOTÉLICA E A CRÍTICA À TESE MEGÁRICA

De maneira geral, a crítica geral de Aristóteles ao problema acima apresentado reside na recusa de INT (capacidades podem ser exercidas quando são possuídas), porque ele considera a possibilidade de um indivíduo ter uma capacidade e ainda assim não a atualizar. Os megáricos não concordariam com essa assertiva aristotélica, pois, se um indivíduo tem uma capacidade e não a atualiza, não é que ele não a possa exercer, mas a capacidade é sempre atualizada, pois só existe capacidade se estiver em atualização. Com isso, não se visa afirmar que “ser capaz de” e “fazer” são redutíveis, mas sim que são apenas coextensivos. O que Aristóteles precisa mostrar, contra a tese megárica, é que há uma diferença metafisicamente relevante entre *ter* uma capacidade e *estar* exercendo uma capacidade, de modo que estas duas capacidades não sejam coextensivas. Em outras palavras, de acordo com o que defendemos no capítulo precedente, retomando as críticas de Beere, Aristóteles precisa demonstrar que existem condições necessárias e suficientes para fazer X que são diferentes das condições necessárias e suficientes para possuir a capacidade de fazer X. Os argumentos oferecidos pelo filósofo para provar que a capacidade é distinta da atividade são quatro. Ele nos oferece quatro conclusões absurdas que derivam da tese megárica, as quais evidenciaremos de modo resumido em seguida.

<sup>13</sup> Notar, em particular, *Teeteto* 156a-b e 159a-160c.

A primeira crítica aristotélica diz respeito às artes (*technai*), tendo em vista especialmente a arte da construção (*Met.* Θ 3 1046b35). Ela pode ser descrita do seguinte modo:

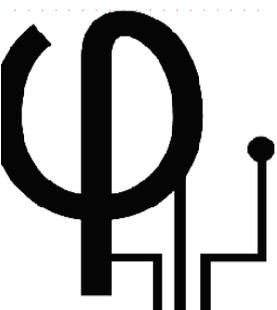
1. Não poderá ser dito X aquele que não estiver fazendo X, isso é, aquele que não estiver possuindo X (tese megárica). E isso é válido para todas as *technai* expressas por X.
2. Tudo que é possuído foi aprendido e adquirido em algum momento.
3. Toda *technai*, portanto, se não é possuída é porque ou nunca foi possuída pelo indivíduo ou porque foi perdida (Aristóteles numera como possíveis motivos de perda ou o esquecimento, ou o sofrimento ou o tempo).
4. Assim, quando o indivíduo parar de executar a *techné* (quando não estiver mais construindo, por exemplo), de acordo com 1, ele não estará possuindo mais tal técnica. Se não a possui é porque, de acordo com 3, foi perdida (ou por esquecimento, ou por sofrimento, ou pelo tempo). Logo, quando o indivíduo termina de construir, não possui mais a arte. E, ainda assim, verifica-se que o indivíduo imediatamente torna a construir. Ora, como ele saberá executar a arte da construção se esta já fora perdida?

O segundo argumento, por sua vez, passa da análise das *technai* para o domínio da sensação (*aesthesis*) (*Met.* Θ 3 1047a5).

1. Nem o frio, nem o calor, nem o doce, nem, em geral, qualquer sensível poderá existir se não for percebido atualmente.
2. O frio, o calor, o doce, em, em geral, qualquer sensível são princípios ativos que alteram os sentidos, portanto, tendo capacidade de mudar, são certas potências.
3. Logo, se a potência não existe em algo a não ser quando age, segue-se que nada é quente ou frio, doce ou amargo, a não ser quando é sentida a alteração no sentido.
4. Mas isso é falso. Caso contrário, seria verdadeira a opinião de Protágoras.
5. Opinião de Protágoras: todas as propriedades e natureza das coisas consistem só em serem sentidas e opinadas.
6. A partir disso seguiria que coisas contraditórias seriam simultaneamente verdadeiras, uma vez que diversas pessoas opinam sobre a mesma coisa de modo contraditório.
7. Essa tese será fortemente questionada por Aristóteles no livro IV da *Metafísica*.

A doutrina megárica associada ao protagorismo, gerará tais absurdos que se seguem na terceira crítica (*Met.* Θ 3 1047a8):

1. O sentido é certa potência.
2. A potência não pode existir sem o ato, para os megáricos
3. Logo, não posso afirmar que alguém tem o sentido de ver e ouvir a não ser quando tal pessoa sente.
4. Mas aquele que não tem ou a visão ou a audição quando é naturalmente disposto a ter, é chamado de cego ou surdo.



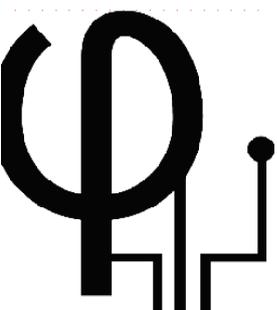
5. Assim, essa pessoa será muitas vezes cega ou surda ao longo do dia. O que é impossível, o cego não passa a ver depois, nem o surdo a ouvir.

Por fim, a quarta crítica aristotélica diz respeito à privação da potência (*Met.* Θ 3 1047a11):

1. Impotente é o privado de potência.
2. A potência não pode existir sem o ato. Com isso, segue-se que o que não se produziu, será incapaz de se produzir.
3. Logo, suprime-se o movimento e o devir. Quem está de pé, ficará sempre de pé, e quem está sentado, ficará sempre sentado e não poderá jamais levantar, pois não possui tal potência.

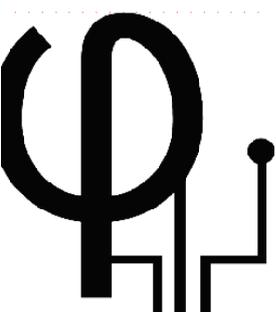
De maneira geral, diante do que vimos, podemos dizer que os argumentos de Aristóteles contra os megáricos se dividem em dois tipos, o primeiro tipo é um argumento que se baseia no uso cotidiano do termo (1,2), enquanto o segundo é um argumento mais geral acerca da possibilidade de mudança completa (3, 4). No argumento do uso cotidiano, Aristóteles trata primeiro das capacidades racionais (*tékhnai*), depois das capacidades não-rationais (*aísthesis*). O primeiro dos argumentos de Aristóteles sobre as artes conclui que a maioria das pessoas que consideramos construtoras, não são construtoras, na visão megárica, pois é claro que ninguém será um construtor se não souber construir uma casa, visto que ser construtor é saber construir uma casa. E o mesmo é válido para outras artes. O absurdo desta conclusão, portanto, deriva do fato de que existem, segundo Aristóteles, muitos construtores que não estão construindo casas e ainda assim não deixam de sê-lo. Na verdade, não existe um construtor que esteja sempre construindo casas. Sendo seres humanos, os construtores param para descansar, comer, dormir. Cada construtor, neste sentido, deixa de ser um construtor de casa intermitentemente.

O argumento geral, por sua vez, afirma que, às vezes, a única coisa que impede um objeto de causar ou sofrer uma mudança são suas circunstâncias. Um construtor treinado está pronto para construir uma casa, por exemplo. Neste caso específico, as únicas coisas que podem impedi-lo de construir uma casa são as circunstâncias. Aristóteles parece insistir, contra os megáricos, que é perfeitamente plausível afirmar que uma pessoa tem a capacidade de construir uma casa sem que a esteja construindo neste momento. Os megáricos se encontram, portanto, no meio de um dilema. Ou eles aceitam a consequência absurda de que tais casos nunca ocorrem, ou eles negam que haja algum sentido em que tal pessoa possa construir uma casa - mas isso é extremamente implausível.



Assim, diante de tais argumentos, Aristóteles passa a distinguir o *ser capaz* da *atividade*, o *ter capacidade de construir* do *estar construindo*, exatamente o que ele precisava para minar a tese megárica. O *ser capaz* é identificado como aquilo com relação a que não resultará nada impossível, se lhe suceder a atividade da qual se diz ter capacidade. Desse modo, só posso afirmar que é possível alguém correr caso nada impossível decorra desta ação. E isso é válido para muitos outros casos (como andar, levantar, dentre outros). *Atividade*, por sua vez, é sobretudo o movimento. Ora, entre todos os atos que nos são conhecidos, o movimento é o mais evidente, pois é o que nós percebemos mais sensivelmente, o que é mais frequente. Até por isso foi colocado o nome de “ato” ao movimento. Assim, o mover-se não é atribuído às coisas inexistentes, porque como ser movido significa ser em ato, se seguiria que não-entes estão em ato, o que é manifestamente falso.

Portanto, diante de tudo que foi expresso, verificamos que, embora a tese megárica não seja tão incipiente como demonstra a enigmática abordagem aristotélica, ainda assim, diante dos argumentos apresentados, há dificuldades aparentemente insuperáveis em sua estrutura.



## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Metafísica. Livros IX e X. Trad. Lucas Angioni. In: *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução* n. 9, 2004, pp. 15-37.
- ARISTÓTELES. *Metafísica* vols. I, II, III, 2ª edição. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola. 2002.
- BEERE, Jonathan. *Doing and Being: an Interpretation of Aristotle's Metaphysics Theta*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama. 2ª ed. Brasília: UNB, 2008.
- FINE, Kit. Aristotle's Megarian Manoeuvres. *Mind*, v. 120, n. 480, p. 993-1034, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1093/mind/fzr092>.
- FRIEND, Toby. Megarian Variable Actualism. *Synthese*, v. 199, n. 3-4, p. 10521-10541, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11229-021-03257-7>.
- GRUBE, George. The Logic and Language of the *Hippias Major*. *Classical Philology*, v. 24, n. 4, p. 369-375, 1929. DOI: <https://doi.org/10.1086/361170>.
- MAKIN, Stephen. Megarian Possibilities. *Philosophical Studies: An International Journal for Philosophy in the Analytic Tradition*, v. 83, n. 3, p. 253-27, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00364608>
- TOMÁS DE AQUINO. *Comentário à Metafísica de Aristóteles IX-XII. Livro IX*. Trad. Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. São Paulo: Vide Editorial, 2020.

